

**Portugueses no Brasil: as trajetórias intelectuais de Casais Monteiro,
Jorge de Sena e Vítor Ramos (1954-1974)**

FÁBIO RUELA DE OLIVEIRA*

Este artigo configura a reedição de alguns fragmentos de texto referentes ao intelectual comunista exilado no Brasil, Vítor Ramos, presentes nos 1º. e 2º. capítulos da tese de doutorado em História, de minha autoria, defendida em Abril de 2010, no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense (UFF – Niterói/RJ), sob a orientação da Dr^a. Adriana Facina, intitulada *Trajetoárias intelectuais no exílio: Adolfo Casais Monteiro, Jorge de Sena e Vítor Ramos (1954-1974)*. Esse estudo, mais amplo, analisa a trajetória intelectual de três professores e críticos literários portugueses antissalazaristas que se exilaram no Brasil entre 1954 e 1974. A atuação de Adolfo Casais Monteiro, Jorge de Sena e Vítor Ramos foi significativa no âmbito das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras (FFCLs) públicas paulistas, no grupo de oposição ao fascismo português e no “Suplemento Literário” do jornal *O Estado de S. Paulo*. Além de exercerem as atividades de professores, ensaístas e poetas, reuniram-se e militaram no jornal *Portugal Democrático*, destacado instrumento de luta contra o salazarismo – a ditadura mais longa do século XX. Entretanto, para este artigo, apresentamos somente recorte que trata da síntese biográfica do intelectual Vítor Ramos.

Convém lembrar que esta síntese biográfica foi realizada a partir dos currículos elaborados por Vítor Ramos, por alguns depoimentos orais de pessoas que lhe foram próximas, por artigos disponíveis sobre ele e por sua obra publicada.

Embora presente, como Jorge de Sena e Adolfo Casais Monteiro, ambos com obra vasta, o interesse pela literatura brasileira nos seus anos de exílio, Vítor Ramos é o mais modesto, obscuro, menos conhecido, mais jovem e também o mais atuante como militante comunista português. Foi muito interessado em história, engajado membro do

* Professor Adjunto do Colegiado de História Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE/PR) *Campus* de Marechal Cândido Rondon, lecionando a disciplina de História Moderna. Doutor em História pela UFF/Niterói-RJ (2010) e Mestre em História pela UNESP/*Campus* de Assis/SP (2002). A pesquisa de doutorado que originou este artigo foi parcialmente financiada pela Fundação Araucária/PR.

Partido Comunista Português (PCP) e empenhado numa missão de integração cultural entre Brasil, Portugal e França.

Vítor de Almeida Ramos nasceu em Lisboa no dia 25 de abril, de 1920, filho de Maria de Lourdes de Almeida e de Domingos Ferreira Ramos. Com 54 anos, faleceu em São Paulo, falando ao telefone com Antonio Candido, na tarde de 03 de maio de 1974, curiosamente dias após 25 de Abril e da Revolução Portuguesa, que estabeleceu a nova república e a liberdade naquele país, pela qual tanto lutou durante toda a vida. Na sua curta existência, vivida quase toda sob a ditadura Salazar, este português, também cidadão do mundo como Sena e Casais, sempre se preocupou com a restauração da liberdade em Portugal.

Toda a formação acadêmica de Vítor Ramos deu-se em Lisboa, onde cursou o primário na Escola nº 42 – entre 1926/30 –, o secundário no Liceu Central de Gil Vicente – entre 1930/37 – e o superior de Licenciatura em Filologia Românica pela Faculdade de Letras de Lisboa – entre 1945/50.¹ A tese de sua Licenciatura foi *O substrato rural na novela camiliana*, texto que seria reunido posteriormente, com outro título, no seu livro *Estudos em três planos* (1966). O doutoramento de Vítor Ramos foi na Sorbonne, entre 1952 e 1954. Neste período francês, que já significava um exílio para ele, elaborou a tese com o tema: “Ètudes sur l’Amusement Periodique du Chevalier d’ Oliveyra”, publicando parte desse trabalho logo depois, como “*Um article du Chevalier d’Olyveira dans lê Journal Encyclpodedique*” (opúsculo em francês, Livraria Bertrand, Lisboa – 1955).²

Vítor Ramos – casado com Dulce, brasileira que conheceu em Paris – era o contato do Partido Comunista Português com os jovens que vinham de Portugal e do Brasil ao Festival da Juventude Comunista, em 1953, na França. Na época, Dulce Ramos era estudante do 1º. Ano de História da USP. Juntos tiveram três filhos: Fernão Vítor (professor da Unicamp), Maria Guiomar (professora da FAAP) e Nuno Ramos (formado em filosofia pela USP em 1982, renomado artista plástico brasileiro, que também escreveu livros de ficção e ensaios de crítica literária e musical).³ Em

¹ Currículo de Vítor Ramos (SP, 1962). Folha 15 do processo nº. 23/58 (Sua contratação para reger a cadeira de Língua e Literatura Francesa na FFCL de Assis) do Arquivo Permanente da FCL/UNESP-Assis/SP.

² Idem.

³ Na revista *Piauí* nº. 40, de Janeiro de 2010 (p.48-53), há o texto “O disforme”, assinado pelo jornalista Bruno Moreschi, tratando da trajetória do artista plástico Nuno Ramos. Neste artigo também

depoimento oral, Dulce Ramos, que forneceu tais informações, afirma ainda que vieram juntos para o Brasil em 1955, movidos pelo mesmo sonho que os uniu por toda a vida: um mundo socialista. Segundo ela, nesse tempo Vítor Ramos nem pensava em vir para o Brasil, pois era estudante da Sorbonne e realizava seus estudos sobre o *Cavaleiro de Oliveira* e ainda era correspondente da Agence France Press, em Paris. De acordo com Dulce Ramos, a habilidade de escrever com agilidade e o seu viés jornalístico eram frutos de sua experiência acumulada na Agence France Press.⁴

Segundo Douglas Mansur da Silva, que pesquisou a ficha de Vítor Ramos nos arquivos da PIDE em Portugal, ele era redator da France Press desde 1938 e havia trabalhado na adolescência na Junta Nacional do Vinho. Silva aponta também que, em 1940, Vítor Ramos entrou para o PCP e pertenceu ao MUD juvenil, aonde exerceu intensa atividade no movimento estudantil, através de reuniões, palestras, projeções de filmes e distribuição de manifestos. Ainda em 1947, foi um dos signatários de um manifesto “contra a prisão de estudantes e recente expulsão das Universidades de diversos professores.” (SILVA, 2007, p.108)

No testemunho oral da viúva de Vítor Ramos, sua memória pessoal e coletiva, voltada para as relações intelectuais e políticas que viveram no Brasil, pode ser observada. Ela destaca primeiramente o seu próprio ambiente familiar, imprescindível para sua formação política jovem, pois, por meio de seu pai Samuel Pessoa e de sua mãe Jovina, a casa respirava política. Os pais de Dulce Ramos foram para uma frente da Coréia, e estiveram lá na Guerra da Coréia; ele, como cientista, foi convidado por Julie Courie, para a missão científica a fim de provar que os americanos estavam usando arma bacteriológica na Coréia.

Das lembranças de sua formação em História, Dulce recorda a presença do Prof. Eduardo de Oliveira França – seu professor ainda no ginásio, quando tinha 12 anos, e depois na USP, quando já estava um pouco mais distante das movimentações políticas. É provável que Dulce Ramos tenha feito parte das primeiras turmas autônomas de um curso de História no Brasil ou tenha estudado no momento dessa transição,

encontramos muitas informações biográficas sobre Vítor Ramos e sua esposa Dulce.

⁴ RAMOS, D. Dulce Ramos: depoimento [abr. 2003]. Entrevista e transcrição de Ubirajara B. Ramos, anexo em CD-Room. In: RAMOS, 2004. Segundo a folha nº. 16 do Currículo de Vítor Ramos (SP, 1962), do processo nº. 23/58 (Sua contratação para reger a cadeira de Língua e Literatura Francesa na FFCL de Assis), guardado no Arquivo Permanente da FCL/UNESP-Assis/SP, o período de sua atuação como correspondente na Imprensa Estrangeira pela Agence France Press foi: em Lisboa entre 1948 e 1950 e Paris entre 1951 e 1955.

considerando a história dessa disciplina enquanto curso superior no Brasil. (IGLÉSIAS, 1979, p.284) Assim, menciona também o convívio com os professores Aziz Ab'Saber e Eurípedes Simões de Paula. Dos colegas da geração posterior à sua, dos anos 1960, lembra-se de Carlos Guilherme Motta, Fernando Novais e Emília Viotti da Costa, comentando sobre o episódio que resultou na cassação desta, em 1968, junto com outros, como Florestan Fernandes, os quais iam formando uma frente de luta contra a ditadura no Brasil. Esses e outros intelectuais, como Antonio Candido e Paulo Duarte, também apoiaram a oposição portuguesa no Brasil. Existem mais referências a esses intelectuais assinando manifestos de apoio aos exilados políticos lusitanos nas páginas do jornal *Portugal Democrático*.⁵

Dulce Ramos aponta que sua casa em São Paulo era local de reuniões importantes do Partido Comunista Português e também da oposição portuguesa que engendrava o *Portugal Democrático*. Afirma desconhecer os temas das reuniões, mas destaca que Vítor Ramos era figura central nas organizações, junto com outros exilados igualmente importantes na organização oposicionista, como João Sarmiento Pimentel e Joaquim Barradas de Carvalho. Descreve, a partir das muitas cartas existentes, a forte amizade e a afinidade intelectual com Jorge de Sena. No entanto tais cartas eram endereçadas também a Casais Monteiro, Sidônio Muralha, Castro Soromenho, Carlos Maria de Araújo, Rodrigues Lapa, Fidelino Figueiredo, a maioria delas ligadas ao *Portugal Democrático*. No período inicial do trabalho de Vítor Ramos no jornal oposicionista – de 1956 a 1959 – ela também conta que, “as vezes Vítor chegava com os dedos sujos de tinta, pois ele fazia também a diagramação do jornal, sabia trabalhar naquilo, a partir da experiência adquirida em Portugal, da sua época de ilegalidade, porque ele ficou muito tempo entre a legalidade e a ilegalidade.”⁶

O militante do Partido Comunista Português, Vítor Ramos, teve papel de destaque como fundador do *Portugal Democrático*, juntamente com outro companheiro de partido, Manuel Ferreira Moura – um técnico que fora operário em Soda Póvoa, da Póvoa de Santa Iria – pois ambos tiveram a iniciativa de reunir os vários antissalazaristas dispersos na cidade de São Paulo. (SILVA, 2006, p.32) Ao longo de

⁵RAMOS, D. Dulce Ramos: depoimento [abr. 2003]. Entrevista e transcrição de Ubirajara B. Ramos, anexo em CD-Room. In: RAMOS, 2004.

⁶RAMOS, D. Dulce Ramos: depoimento [abr. 2003]. Entrevista e transcrição de Ubirajara B. Ramos, anexo em CD-Room. In: RAMOS, 2004.

dezoito anos de circulação, o *Portugal Democrático* aglutinou um grande número de colaboradores nas páginas do jornal, a maioria exilados, entre eles, o escritor e jornalista Miguel Urbano Rodrigues, que elabora a lista transcrita abaixo:

João Sarmento Pimentel e seu irmão Francisco Pimentel, os engenheiros João dos Santos Baleizão, Carlos Cruz, Manuel Myre Does, Jorge Fidelino de Figueiredo, Álvaro Veiga de Oliveira e Francisco Vidal, o ex-diplomata Pedroso de Lima, os irmãos Abílio e Manuel Rodrigues da Silva, Francisco Lopes, o advogado Manuel Sertório, Lenine de Jesus, Carlos Assunção Neves, Joaquim Duarte Baptista, Henrique Pereira Santo, José Portela, Jacinto Rodrigues, Lemos de Figueiredo, Humberto Silva, Fernando Correia da Silva, Alexandre Leal Dias, Fernando Ramos, Armando Correia Pinto, Manuel Rocheta, Luis Taborda Botelho, Maria Irolinda Roque, José Fonseca Martins, Mendes André, Raul Círico da Cunha, Pedro Rocha, Helander Gomes, João Rino, os escritores Carlos Maria de Araújo, Castro Soromenho, Adolfo Casais Monteiro, Jorge de Sena, Maria Archer, Mário Bodas, Manuel Soares, Idelfonso Garcia, Manuel Algôdres, Antonio Baia, Gil Clemente, Carlos Seabra, os jornalistas Paulo de Castro, Vitor da Cunha Rego, Sant'Anna Mota⁷ e João Alves das Neves, o economista e jornalista Jorge Galvão Figueiredo, o pintor Fernando Lemos, os poetas Sidônio Muralha, Veiga Leitão e Mário Henrique Leiria, o ator Fernando Muralha, Manuela Gouveia Antunes, Maria Antonia Fiadeiro, Augusto dos Santos Abranches. (RODRIGUES, 2003, p.183)

Os primeiros números do *Portugal Democrático* foram bem recebidos pela comunidade portuguesa e entre os meios progressistas brasileiros, no entanto, sua abrangência foi limitada, pois a desinformação sobre a natureza do fascismo português era generalizada no Brasil e era muito difundida uma falsa imagem sobre o regime. (Idem)

⁷ Observamos algumas contradições entre essa lista de nomes arrolada por Miguel Urbano Rodrigues e outras referências sobre esse grupo. Portanto, a memória que se constrói sobre esses oposicionistas é um tanto incongruente, uma vez que provavelmente alguns deles tinham ligações com o regime autoritário português. O jornalista Cláudio Abramo, por exemplo, questiona a identificação política de Sant'Anna Mota. Segundo ele: “Na época o Dr. Julinho importou vários portugueses (ele dizia que brasileiro não sabe escrever, no que tinha razão), como Miguel Urbano Rodrigues, Sant'Anna Mota, que se declarava anarquista mas de fato era salazarista, Victor Cunha Rego, uma das pessoas mais neuróticas que conheço. Mas como jornalistas eram gente muito boa.” (ABRAMO, 1988, p.34)

O intenso trabalho de Vítor Ramos no *Portugal Democrático* (PD) pode ser comprovado pelas dezoito (18) referências diretas deste autor encontradas no jornal, cuja maioria são os seus artigos assinados.⁸ Abaixo, há a relação das edições em que Vítor Ramos publicou seus artigos ou foi noticiado.

- 1) A avozinha caduca – 12/01/1957, p. 7. (Publicado posteriormente no livro organizado *Salazar visto do Brasil -1962*, p.19-22)
- 2) Discurso de Vítor Ramos nas Comemorações do 5 de outubro em São Paulo, n.º 18, 11/1958, p. 2.
- 3) Um professor de democracia (sobre Jaime Cortesão), n.º. 40, 09/1960, p. 1 e 2.
- 4) A República Morreu República Viva a República, n.º. 41, 10/1960, p. 1.
- 5) Carlos Maria de Araújo, n.º. 65, 10/1962, p. 2.
- 6) Unidade e Organização, n.º.76, 10/1963, p. 8.
- 7) As Manifestações dos Estudantes e os problemas do Ensino I, n.º. 92, 03/1965, p. 5 e 6.
- 8) As manifestações dos Estudantes e os problemas do Ensino II, n.º. 93, 04/1965, p. 5 e 7.
- 9) O Diálogo Impossível “Problemas do Ensino (III)”, n.º. 94, 05/1965, p. 5.
- 10) Reforma Universitária “Problemas do Ensino (IV)”, n.º. 96, 10/1965, p. 7.
- 11) Anistia: a grande tarefa unitária, n.º. 112, 11/1966, p. 2.
- 12) Vítor Ramos agraciado pelo governo francês, n.º. 132, 09/1968, p. 7.
- 13) Intervenção de Vítor Ramos nas Conferências da PUC, n.º. 134, 10/11/1968, p. 6.
- 14) Vítor Ramos vai para os Estados Unidos, n.º. 146, 12/1969, p. 6.
- 15) Fé no destino de Portugal, n.º. 163, 11/1971, p. 2.
- 16) Casais Monteiro – Ao companheiro, ao amigo (sobre a morte de Monteiro), n.º. 171, 08/1972, p. 1 e 3.
- 17) Vítor Ramos analisa a conjuntura (Intervenção do 05 de outubro), n.º. 181, 10/1973, p. 2.
- 18) Recordando Vítor Ramos (Sobre a morte de Ramos), n.º. 187, 06 e 07/1974, p. 6.

⁸ O pesquisador Ubirajara Bernini Ramos, na entrevista com Dulce Ramos, sugere que nos primeiros anos do jornal os editoriais pareciam apresentar “o toque” de Vítor Ramos. Tal especulação foi confirmada pela depoente Dulce Ramos, entretanto entendemos que se Vítor Ramos não assinou todos os textos que escreveu para o periódico oposicionista era porque estes editoriais ou artigos anônimos poderiam representar uma opinião coletiva. (RAMOS, 2004)

Depois do golpe militar de 1964 no Brasil, muitos militantes ligados ao *Portugal Democrático*, além de serem todos fichados na PIDE de Portugal, também passaram a ser monitorados no Brasil pelo Departamento Estadual de Ordem Política e Social (DEOPS – seção São Paulo). Outros pesquisadores consultaram essas fichas do DEOPS e segundo eles os três intelectuais Casais, Sena e Ramos também foram fichados pelo órgão, sendo Vítor Ramos o que apresenta mais referências. (RAMOS, 2004, p. 18-19 e 234-235 & SILVA, 2006, p.155) Num desses papéis do DEOPS, datado de novembro de 1971 e anexado na dissertação de mestrado de Ubirajara B. Ramos, encontra-se a seguinte indicação feita por um investigador anônimo:

O Ministério do Exército, nos envia relatório de informações, com data de 27 de abril de 1964, sobre investigações procedidas na Universidade de São Paulo, ocasião em que vinham sendo constatados movimentos “comunistas”, com a participação de alunos e professores daquele e de outros estabelecimentos de ensino, constando em um de seus tópicos, a participação do professor “comunista” VÍTOR RAMOS da Faculdade de Assis, o qual mantinha ligações com o professor Barradas de Carvalho, de nacionalidade portuguesa que na oportunidade integrava o dispositivo “comunista” da Universidade de São Paulo. (RAMOS, 2004, anexos)

Com a situação exposta no documento acima e a consolidação da ditadura militar brasileira nos anos 1960, muitos intelectuais como Casais, Sena e Ramos partiram para um novo exílio nos Estados Unidos. Dos três, Jorge de Sena saiu em 1965 para não retornar mais ao Brasil e, depois de 1968 e do AI-5, Casais Monteiro e Vítor Ramos também se retiraram por um ano.

Sobre o período em Assis/SP, a depoente Dulce Ramos conta ainda que Vítor Ramos escreveu pouco, entretanto a análise de suas obras mostra o contrário, que trabalhou muito nos cursos da Cadeira de Língua e Literatura Francesa da FFCL e ali produziu trabalhos que foram publicados posteriormente. Tinha em 1958, ao ingressar na FFCL de Assis, mais de 20 trabalhos significativos entre publicações, traduções, conferências e muitas outras atividades relacionadas ao jornalismo e as culturas

portuguesa e francesa.⁹ Outras pessoas, representantes da sociabilidade que possibilitou o ingresso de Vítor Ramos na FFCL de Assis, estão presentes na lembrança de sua esposa, como apoiadores da democracia portuguesa e participantes das atividades do Centro Cultural 25 de Abril, criado no Brasil depois de 1974. Entre eles destacam-se as figuras de Antonio Soares Amora, o 1º. Diretor da Faculdade de Assis e professor da USP; Maria Aparecida Santilli, professora da USP na área de Português e esposa do deputado estadual José Santilli Sobrinho, autor do projeto de criação da faculdade assisense. Vítor e Dulce estavam engajados nesses círculos intelectuais e políticos desde os anos 1960.¹⁰

Entre as atividades no Instituto Isolado, Vítor Ramos – professor em Assis entre 1958 e 1964 – fez parte da Comissão de Redação da *Revista de Letras* e nela publicou o ensaio *Chateaubriand: o episódio da graciosa*¹¹, reunido posteriormente no livro *Estudos em três planos*. Na Cadeira de Língua e Literatura Francesa da FFCL de Assis, ministrou cursos sobre “os problemas da tradução”, “a expressão estilística do teatro barroco francês” e a “estilística comparada do francês e do português”. Já em São Paulo, na USP, também assumiu os cursos de Língua e Literatura Francesa, período em que publicou mais dois trabalhos: *Estudos em Três Planos*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1966 e *Routrou: um universo equívoco*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1971. Ficou na USP até o fim de sua vida, no entanto, entre 1969 e 1971 esteve na Universidade da Califórnia, em Davis, assim como Jorge de Sena e Casais Monteiro, perfazendo uma trajetória americana, num novo exílio, decorrente do endurecimento da ditadura no Brasil em 1968.

Antonio Candido, apresentando informações complementares, diz que Vítor Ramos conheceu uma brasileira na França, com quem se casou em 1955 e passou a morar em São Paulo. Aqui, ajustou-se bem a cultura paulista e trabalhou na Difusão Européia do Livro (DIFEL) onde empreendeu iniciativas importantes como o plano de antologia das presenças, das quais vingaram apenas *Presença da Literatura Portuguesa*,

⁹ Currículo de Vítor Ramos (SP, 1962). Cf. fls. 16 do processo nº. 23/58 (Sua contratação para reger a cadeira de Língua e Literatura Francesa na FFCL de Assis), guardado no Arquivo Permanente da FCL/UNESP-Assis/SP.

¹⁰ RAMOS, D. Dulce Ramos: depoimento [abr. 2003]. Entrevista e transcrição de Ubirajara B. Ramos, anexo em CD-Room. In: RAMOS, 2004.

¹¹ *Revista de Letras (ASSIS)*, n.1, pp. 53-71, 1960.

em cinco volumes, e *Presença da Literatura Brasileira*, em três, em 1964. Estavam projetadas a espanhola, a francesa, a inglesa, etc. (CANDIDO, 2004, p.75-76)

Em 1961, doutorou-se na FFCL da USP, com a tese “*L’Expression de la Vérité Humaine dans La Mort d’ Agrippine de Cyrano de Bergerac*”, que mais tarde em 1966, publicaria pela FFCL de Assis, na Coleção de Estudos e Ensaios. Essa coleção, que publicou muitos títulos, era dirigida pelos professores dessa instituição e publicava seus trabalhos, com financiamento do Governo do Estado de São Paulo. O volume sobre a obra de Cyrano foi editado todo no original em francês, como foi escrito¹² e até hoje não foi feita uma reedição traduzida para o português.

Além dos textos elaborados em Assis e das atividades editoriais na DIFEL, Vítor Ramos também foi diretor da coleção *Clássicos Garnier*, a partir de 1957, organizando a publicação de quinze títulos de obras clássicas da literatura universal até 1962.¹³

Segundo Antonio Candido, Vítor Ramos saiu de Assis em decorrência do golpe de estado de 1964, onde quase foi preso, indo posteriormente para a USP. Num depoimento oral de Candido, comentando os efeitos dos episódios de 1964 para a Faculdade de Assis, ele destaca:

Foi uma calamidade. E, em primeiro lugar por causa da perseguição, não é? Assis mesmo perdeu bons professores por causa de 64. O Prof. Vítor Ramos não foi preso por acaso, o delegado foi prendê-lo, deram ordem de prisão para ele, mas ele tinha vindo para São Paulo, avisaram ele, e por acaso ele não foi preso. Tinha um delegado feroz lá em Assis, era um sujeito terrível. Ele deteve o “Pradinho”, o [Antônio Lázaro de] Almeida Prado, ele deteve o Onosor [Fonseca]. O [Antonio] Dimas também foi preso.¹⁴

A condição de militante comunista português obrigou Ramos a ir novamente para São Paulo. Os professores e Dimas, aluno na época, foram presos temporariamente,

¹² RAMOS, Vítor. *Cyrano auter tragique: L’expression de la verité humaine dans “La Mort d’Agrippine”*. (todo em francês) Publicações da FFCL de Assis (Governo do Estado de São Paulo): SP, 1966. Coleção estudos e ensaios.

¹³ Currículo de Vítor Ramos (SP, 1962). Folha 16 do processo nº. 23/58 (Sua contratação para reger a cadeira de Língua e Literatura Francesa na FFCL de Assis) do Arquivo Permanente da FCL/UNESP-Assis/SP.

¹⁴ CANDIDO, A. Antonio Candido de M. e Souza: depoimento [nov. 2001]. Entrevista e transcrição: Fábio Ruela de Oliveira, São Paulo/SP. 2 fitas cassete. Entrevista concedida ao autor. Cf. também CANDIDO, 2002, p.22.

o que expressa o quanto o golpe de 1964 foi contundente, mesmo nas cidades médias do interior do país.

Em São Paulo, Vítor Ramos teve iniciativas editoriais importantes, mas sua função docente foi imprescindível para a intelectualidade, como destaca uma de suas antigas alunas e estudiosa de sua obra, Maria Cecília de Moraes Pinto, num artigo depoimento, em homenagem a Vítor Ramos, no qual ela ressalta algumas faces do professor que corroboram muitos aspectos lembrados por Dulce Ramos. Segundo Maria Cecília, Vítor Ramos participou de um período de mudanças no Curso de Língua e Literatura Francesa da USP, tornando-se em 1972 o primeiro titular desse curso. (PINTO, 2003, p.167) Em 1961, ainda na Faculdade de Assis/SP, defendera sua tese de doutorado, sob orientação de Alfred Bonzon, catedrático posteriormente substituído pelo professor Albert Audubert, que em 1966 faria parte da banca examinadora do concurso de livre-docência de Vítor Ramos. (Idem)

O depoimento da aluna de Ramos também descreve algumas características da postura do seu professor à frente do Curso de Letras. De acordo com ela:

Durante os curtos dois anos em que Vítor Ramos dirigiu a ex-cátedra, impôs-se sua generosa disponibilidade, sempre ajudando, jamais encerrado nas alturas do posto que chegara. As convicções políticas de homem perseguido pela ditadura salazarista auxiliavam-no na compreensão das dificuldades que enfrentávamos. (...) Esses traços de um perfil no qual sobressaíam a retidão, a firmeza, o claro sentimento de compromisso com o outro, excluindo sectarismos, completavam-se na rotina das tarefas docentes e administrativas. Planejou o curso de tradução para Letras, além de promover, em 1973, um Colóquio de Francofonia que seria o primeiro a congregar os departamentos franceses da América Latina. Na ocasião, Vítor Ramos enfatizou o que isso significava também para os contatos com os outros povos de Língua Francesa, entre eles os da África. (...) Relações com o Quebec e a Martinica esboçariam pouco a pouco os contornos de uma participação na universalidade do francês tendo como centros irradiadores múltiplos focos, inclusive a própria França. (...) ...colega [Vítor Ramos] que distribuía tarefas respeitando preferências, estimulando pesquisas individuais, mostrando com os olhos voltados para o mundo que a verdadeira universidade se efetiva na produção de todos e no concerto de muitas vozes – depois dele seria impossível retroceder aos esquemas do passado. (PINTO, 2003, p.168-169)

Neste artigo não há menção a obra política, ou seja, aos escritos de Ramos para o *Portugal Democrático*, mas a autora procura esgotar as características intelectuais de Vítor Ramos, apontando que:

...seus textos reúnem a sensibilidade, a erudição do intelectual, a suas mais íntimas convicções e toda uma maneira de ser. (...) Vítor Ramos sempre soube inter-relacionar tendências políticas pessoais e objetivos estéticos. (...) A observação de pormenores revela a agudeza dos comentários de Vítor Ramos. Foi especialista do grande século XVII francês. Mas soube tratá-lo a sua maneira, desviando o enfoque para autores pouco lembrados, aqueles que escapavam as convenções da época. (...) Esquecidos, exilados, rebeldes, desiludidos – por esses autores perpassa o olhar arguto do crítico, sempre a perscrutar nas palavras a carga passional, o contraditório, a irreverência, o desconcerto, até atingir o cerne em que se aloja a complexidade comovente do homem. (Idem, p.169-170)¹⁵

Outra menção a Vítor Ramos vem de Carlos Guilherme Mota, comentando que o comunista português nutria um interesse apaixonado pela cultura francesa, no prefácio ao livro de Regina Salgado CAMPOS (1996, p.10), intitulado *Gide e Montaigne na obra de Sérgio Milliet*.

Entre algumas traduções realizadas por Vítor Ramos, cuja contribuição é inestimável para os estudos de história moderna, estão os volumes da coleção *História Geral das Civilizações*, organizados pela Difel, São Paulo, entre os anos 1957-1958. Os volumes traduzidos por Ramos em conjunto com outros tradutores são: o vol. VII - *O Período da Europa Feudal*, Edouard Perroy (em colaboração); o vol. IX - *Os Progressos da Civilização Européia*, por Roland Mousnier (em colaboração); o vol. XI - *O último século do Antigo Regime*, por Roland Mousnier e Ernest Labrousse; o vol. XII - *A sociedade do século XVIII perante a Revolução*. Da série em três volumes *A época*

¹⁵ Cf. KUNDMAN (1994), apontando que: “Em 1974, Vítor Ramos, intelectual de atitudes liberais e progressistas, assume a direção da área e imprime ao curso características que lhe mudam a configuração. Com sua morte prematura, a regência passa a Ítalo Caroni (1974-1983). (...) Inicia-se uma nova etapa no Curso de Francês, com o ano de 1974 estabelecendo um marco de relevância.”

contemporânea, de Maurice Crouzet, traduziu o volume *1 – O Declínio da Europa / O Mundo Soviético*, com Jacó Ginsburg.¹⁶

Por tais trabalhos fica nítido o interesse deste intelectual pela cultura francesa do período moderno. Vítor Ramos traduziu os historiadores franceses que lhe eram contemporâneos, Roland Mousnier e Ernest Labrousse, também próximos de Fernand Braudel, orientadores de muitas teses voltadas para a metodologia quantitativa, a qual entrava em evidência com a chamada “2ª. Geração dos *Annales*” francesa, que se tornou um movimento historiográfico reconhecido e de grande interesse “pela análise social do antigo regime, suas ‘ordens’ e ‘classes’”. Sobre essa geração de historiadores franceses Peter BURKE (1990, p.67-74) dedica várias páginas ao que ele considera “o nascimento da história quantitativa”, dentro da parte relativa aos “destinos coletivos e tendências gerais do movimento dos *Annales* entre 1950 e 1970.”

Burke também aponta que o historiador econômico Ernest Labrousse se interessava por Revolução Francesa e foi o precursor do marxismo dentro dos *Annales*. Quanto a Roland Mousnier, professor da Sorbonne, o inglês o considera mais distante do núcleo dos *Annales*, mas que, mesmo sendo *persona non grata* a Braudel, desenvolveu seriamente a abordagem comparativa proposta por Marc Bloch. Mousnier deu pouca atenção a Marx, mas usou extensamente a teoria social de Max Weber e do americano Talcott Parsons. Apesar de visão política mais a direita colaborou num estudo sobre o século XVIII com o esquerdista Labrousse. “Os trabalhos de Mousnier e seus discípulos davam mais atenção à política do que à economia e levavam mais a sério os critérios legais do que os econômicos em suas análises da estrutura social.” (BURKE, 1990, p.74)

É importante destacar que Vítor Ramos traduziu as obras da corrente historiográfica francesa no mesmo momento em que eram lançadas na Europa. Esses autores investigavam o recorte temporal entre os séculos XVII e XVIII, o mesmo período de interesse do crítico e tradutor exilado comunista. Existe a probabilidade de que Ramos, aluno da Sorbonne em meados do decênio de 1950, acompanhou com alguma proximidade o trabalho desses historiadores dos *Annales*.

¹⁶ Referência encontrada no Fundo Digital de Pesquisas do Arquivo Nacional e também no currículo de Vítor Ramos, anexado ao processo nº. 23/58 (Sua contratação para reger a cadeira de Língua e Literatura Francesa), guardado no Arquivo Permanente da FCL/UNESP-Assis/SP. Confirma também as traduções nesses respectivos volumes da coleção.

Na morte de Vítor Ramos, em 1974, muitas homenagens lhe foram prestadas, como na matéria intitulada “Recordando Vítor Ramos”, publicada no nº. 187 do *Portugal Democrático*, (jun./jul. 1974, p. 6), que trata da cobertura das homenagens ao comunista português ocorridas em Portugal, na Universidade de São Paulo e na Faculdade de Assis/SP, nas semanas após sua morte. Primeiramente, há o relato de que Miguel Urbano Rodrigues e Joaquim Barradas de Carvalho lhe prestaram as homenagens ao regressarem a Lisboa. Segundo seus dois companheiros “seu nome foi citado e aplaudido nos grandes comícios de maio e junho e durante a recepção oferecida pela Sociedade Portuguesa de Escritores aos intelectuais portugueses regressados do exílio.” A maior parte dessa matéria do jornal oposicionista é o depoimento que Onosor Fonseca, antigo aluno de Vítor Ramos no Curso de Letras de Assis, que se pronunciou na homenagem dedicada ao militante português, ocorrida na Faculdade de Assis, coordenada por ele e pelo professor Antônio Lázaro de Almeida Prado, que leu uma poesia de sua autoria sobre o colega Vítor Ramos, um dos fundadores daquela faculdade. Destaca-se um trecho que resume de forma geral o texto de Onosor, quando ele fala sobre as homenagens que ocorreram na USP e sobre o episódio de um estudante que não se conteve e gritou durante a assembléia: “o democrata, o lutador antissalazarista!”; Onosor diz que toda a assembléia aplaudiu ao grito do estudante, e segundo ele

Aplaudiu porque a homenagem que lhe prestava endereçava mais precisamente a essa faceta de sua personalidade multiforme, rica: ao soldado da liberdade, ao lutador antissalazarista, que cala, de certo modo, vitimado pela mais tenaz ditadura fascista que este século conheceu. No alvorecer da liberdade em Portugal, ele sucumbiu às intensas emoções dessa vitória longamente, ardorosamente esperada. (Portugal Democrático, nº. 187, meses de junho/julho de 1974, p. 6)

Referências Bibliográficas

ABRAMO, Cláudio. *A regra do jogo*. São Paulo: Cia. das Letras, 1988.

BURKE, Peter. *A Escola dos Annales 1929-1989: A revolução francesa da historiografia*. Trad. Nilo Odália. Ed. Unesp: SP, 1990.

CAMPOS, Regina Salgado. *Ceticismo e responsabilidade: Gide e Montaigne na obra crítica de Sérgio Milliet*. SP: Anablume, 1996.

CANDIDO, Antonio. *Intelectuais portugueses e a cultura brasileira*. In: GOBBI, Márcia V. Z., FERNANDES, Maria L. O. & JUNQUEIRA, Renata (orgs.) *Intelectuais portugueses e a cultura brasileira*. SP: Edusc – Unesp, 2002.

CANDIDO, Antonio. *O Albatroz e o Chinês*. RJ: Ed. Ouro sobre o Azul, 2004.

IGLÉSIAS, Francisco. *A História no Brasil*. (p.266-301) In: FERRI, Guimarães & MOTOYAMA, Shozo (coords.) *História das Ciências no Brasil (v.1)*. São Paulo: Editora da USP, 1979.

KUNDMAN, Maria Sabina. *Língua e Literatura Francesa*. In: *Estudos Avançados* (ISSN:0103-4014) vol. 8, nº. 22, SP: 1994.

OLIVEIRA, Fábio Ruela de. *Trajetórias intelectuais no exílio: Adolfo Casais Monteiro, Jorge de Sena e Vítor Ramos (1954-1974)*. Tese (Doutorado em História) Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói-RJ, 2010.

PINTO, Maria Cecília de Moraes. *A missão de Vítor Ramos*. (p.167-170) In: LEMOS, Fernando & LEITE, Rui Moreira (orgs.) *A missão portuguesa: rotas entrecruzadas*. SP: Editora da Unesp e Edusc, 2003.

RAMOS, Ubirajara Bernini. “*Portugal Democrático*” – *Um Jornal de Resistência ao salazarismo publicado no Brasil*. (Dissertação de Mestrado em História) Pontifícia Universidade Católica (PUC): São Paulo/SP, 2004.

RODRIGUES, Miguel Urbano. *Portugal Democrático – um jornal revolucionário*. In: LEMOS, Fernando & LEITE, Rui Moreira (orgs.) *A missão portuguesa: rotas entrecruzadas*. SP: Editora da Unesp e Edusc, 2003.

SILVA, Douglas Mansur da. *A oposição ao Estado Novo no exílio brasileiro, 1956-1975*. (Col. Estudos e Investigações; 42) Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2006.

SILVA, Douglas Mansur da. *Intelectuais Portugueses Exilados no Brasil. Formação e Transferência Cultural, Século XX*. (Tese Doutorado – UFRJ/Programa de Pós-Graduação/Museu Nacional) – Rio de Janeiro: UFRJ/MN, 2007.

Depoimentos Oraís:

- RAMOS, D. Dulce Ramos: depoimento [abr. 2003]. Entrevista e transcrição de Ubirajara B. Ramos, anexo em CD-Room. In: RAMOS, Ubirajara Bernini. “*Portugal Democrático*” – *Um Jornal de Resistência ao salazarismo publicado no Brasil*. (Dissertação de Mestrado em História) Pontifícia Universidade Católica (PUC): São Paulo/SP, 2004.

- CANDIDO, A. Antonio Candido de M. e Souza: depoimento [nov. 2001]. Entrevista e transcrição: Fábio Ruela de Oliveira, São Paulo/SP. 2 fitas cassete. Entrevista concedida ao autor.

Documentos:

- Currículo de Vítor Ramos, anexado ao processo n°. 23/58, do Arquivo Permanente da FCL/UNESP-Assis/SP.
- Texto *O Disforme* de Bruno Moreschi, sobre o artista plástico brasileiro Nuno Ramos. Revista *Piauí* n°. 40, Janeiro/2010.
- Revista de Letras (ASSIS), n.1, pp. 53-71, 1960.
- Coleção do jornal *Portugal Democrático* (205 edições) – Acervo do “Centro Cultural 25 de Abril”, Butantã, São Paulo/SP.
- Fundo Digital de Pesquisas do Arquivo Nacional – Rio de Janeiro/RJ.

Obras de Vítor Ramos:

RAMOS, Vítor. *Breve Análise da Repressão à Vida Intelectual em Portugal*. In: *Revista Paz & Terra – (Especial 43 anos de Fascismo em Portugal)*, Ano IV, n°. 10, Dez. 1969.

RAMOS, Vítor. *Cavaleiro de Oliveira – Trechos Escolhidos*. (n°. 99 da *Coleção Nossos Clássicos*) Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1968.

RAMOS, Vítor. *Cyrano auter tragique: L’expression de la verité humaine dans “La Mort d’Agrippine”*. (Coleção estudos e ensaios) Publicações da FFCL de Assis (Governo do Estado de São Paulo): SP, 1966.

RAMOS, Vítor. *Estudos em Três Planos*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1966.

RAMOS, Vítor. *Routrou: um universo equívoco*. (Boletim n°.352) São Paulo: Universidade de São Paulo, 1971.

RAMOS, Vítor. *Edição de Língua Portuguesa em França (1800-1850) – Repertório geral dos títulos publicados e ensaio crítico* Fundação Calouste Gulbekian/Centro Cultural Português: Paris, 1972.